

ESCOLA ESTADUAL GRACILIANO RAMOS
3ª GERÊNCIA REGIONAL DE ENSINO



PORTFÓLIO PROJETO:



ESQUETES
TEATRAIS
MULHERES NA
CIÊNCIA



PALMEIRA DOS ÍNDIOS/AL
2020

ESQUETES TEATRAIS MULHERES NA CIÊNCIA

Para início de Conversa...

O Ensino de Arte na Educação Básica deve compor para o aluno uma prática em quatro linguagens artísticas: dança, artes visuais, música e teatro. Deve ser preservado todo tipo de vivência artística dos estudantes em seus espaços comunitários e familiares. Na prática do Ensino de Arte a perspectiva precisa ter um contexto sensível e crítico vivenciando espaços para criações e produções espontâneas promovendo a criatividade dos estudantes. O estudo sobre mulheres na ciência é fundamental principalmente no diálogo com as meninas que podem continuar esse processo na escola e depois dela. A escola deve ser esse espaço de diálogo sobre gênero, refletindo sobre o papel da mulher e do homem na sociedade e na produção científica. É necessário o combate à discriminação de gênero na ciência. No presente documento, apresentamos o trabalho que buscou contextualizar com o teatro as contribuições de cientistas mulheres de antes, de agora e incentivar as futuras, apresentando a história de luta para se tornarem cientistas.

O Projeto foi realizado na Escola Estadual Graciliano Ramos (Escola Integral – Ensino Médio) em Palmeira dos Índios/AL durante o ano letivo de 2020 em uma turma de Eletiva de Arte (contínua) de Teatro (alunos das três séries do Ensino Médio), tendo 41 encontros, sendo 5 presenciais, antes da pandemia e 36 no formato remoto. Nos momentos presenciais o espaço utilizado foi a sala de Linguagens e suas Tecnologias onde realizamos uma compreensão inicial da proposta e foram contextualizadas práticas iniciais em exercícios e jogos teatrais. Seguimos a metodologia teatral de Augusto Boal (1991) em 3 etapas: 1ª Conhecimento do Corpo – Sequência de exercícios em que se começa a conhecer o próprio corpo; 2ª Tornar o Corpo Expressivo – Sequência de jogos em que cada pessoa começa a se expressar unicamente através do corpo; 3ª O Teatro como Linguagem – Aqui se começa a praticar o teatro como linguagem viva e presente. A proposta contemplou estudar e apresentar a vida e contribuições das mulheres na ciência, sendo as cientistas escolhidas: Marie Curie, Nise da Silveira, Márcia Barbosa, Ada Lovelace e Katherine Johnson. Essas mulheres mostraram que a participação delas na construção do pensamento científico é tão antiga quanto o princípio da ciência.

A proposta surgiu a partir da necessidade de vivenciarmos uma ampla relação entre arte e ciência na escola de ensino médio priorizando o campo artístico no processo de ensino e aprendizagem, assim o projeto contemplou os seguintes objetivos: Estudar exercícios e jogos teatrais para interpretação das personagens; Divulgar a ciência através do teatro em tempos de pandemia; Estudar e abordar conteúdos articulados com a realidade, relacionando com a arte e o meio ambiente, desenvolvimento do ser humano e transformações tecnológicas assim garantindo o desenvolvimento

de suas competências, propondo alternativas aos desafios do mundo contemporâneo; Interpretar os resultados e realizar previsões sobre atividades artísticas experimentais, fenômenos naturais e processos tecnológicos, com base nas descobertas científicas das mulheres na ciência. Assim, foram contemplados vários objetivos e houve **interdisciplinaridade**, contribuindo com a aprendizagem integrada e contextualizada.



O teatro pode dinamizar de forma a facilitar, aproximar e a consolidar os conceitos científicos tendo a arte em sua amplitude ou buscando apoio de forma interdisciplinar. Assim, são cruciais as ações interdisciplinares no contexto escola com a prática contínua e que possa estabelecer não só uma ampliação no formato de ensino, principalmente outras possibilidades capazes de tornar viável a aprendizagem dos alunos que participaram de todo o processo: Organização da pesquisa, diálogo, escrita do texto, leitura, ensaio, gravação, divulgação, avaliação e autoavaliação. O processo de estudo, diálogo, argumentação e prática do trabalho aconteceu de forma remota devido à pandemia. Foram formados 5 grupos de alunos e cada grupo ficou responsável por produzir uma narrativa teatral com base na etapa anterior contextualizando os seguintes elementos:

Cientistas	Atriz	Grupos	Elementos Cênicos
Nise da Silveira	Andressa Pereira	ANTHONNY MATHEUS GOMES DA SILVA, ERIKA SAMILLA SANTOS DE BARROS, JOHN HERBERTH OLIVEIRA NERI, MARÍLIA TORRES DA SILVA, NAELY VITÓRIA HONÓRIO DA SILVA, VITÓRIA BEATRIZ ROCHA DOS SANTOS, MARIA GABRIELLA SILVA DE ARAUJO E ANDRESSA PEREIRA.	Texto teatral; Figurino; Cenário; Maquiagem; Gravação e Edição.
Katherine Johnson	Maria Janailma	MAXWELL WASHINGTON DA SILVA FERREIRA, PAULO MIQUÉIAS DA SILVA, VITÓRIA SILVA DE SOUZA, JOYCE MILENA SANTOS RODRIGUES, ANTONIO EMMANOEL MENDONÇA DA SILVA, SINVAL DA SILVA PAIVA, WELLINGTON BARBOSA DE SOUZA, GUILHERME DE OLIVEIRA COSTA E A PROFESSORA COLABORADORA MARIA JANAILMA TAVARES.	Texto teatral; Figurino; Cenário; Maquiagem; Gravação e Edição.
Ada Lovelace	Ranyara Oliveira	MARIA EDUARDA CARNEIRO SILVA, MARIA EDUARDA SANTOS LINS, CARLOS HENRIQUE DOS SANTOS, JÚLIA KAROLAINE BARROS DE OLIVEIRA, WELLINGTON VINÍCIUS RIBEIRO FERREIRA MARIA VITÓRIA SILVA DA MOTA, WELLISON MATHEUS CALIXTO MOREIRA E RANYARA OLIVEIRA.	Texto teatral; Figurino; Cenário; Maquiagem; Gravação e Edição.
Marie Curie	Maria Eduarda	ANDRÉ SANTOS BASÍLIO, JOÃO GABRIEL DE LIMA SILVA, LAYSE YASMIN SANTOS DE MELO, LEANDRO DA SILVA MONTEIRO, MARIA JÚLIA DUARTE DA SILVA ALVES, YASMIM VICTÓRIA PEREIRA SOARES, PEDRO VINÍCIUS SILVA VIEIRA E MARIA EDUARDA.	Texto teatral; Figurino; Cenário Maquiagem; Gravação e Edição
Márcia Barbosa	Rayane Oliveira	WILLIAN KENNEDY DOS SANTOS SILVA, ALEX HENRIQUE VERÍSSIMO PEREIRA, KAUÃ FELIPE DO NASCIMENTO ROCHA, MARIA EDUARDA VICENTE DA SILVA, JOSÉ CARLOS MATIAS MELO, MARIA LAYANNE TAVARES DA SILVA E A PROFESSORA RAYANE OLIVEIRA.	Texto teatral; Figurino; Cenário; Maquiagem; Gravação e Edição

Com a voz e a ação: ELAS!

O primeiro vídeo-esquete produzido foi da Nise da Silveira que nasceu na cidade de Maceió em 1905 e foi uma médica psiquiatra brasileira. Reconhecida mundialmente por sua contribuição à psiquiatria, revolucionou o tratamento mental no Brasil. Foi aluna de Carl Jung. Dedicou sua vida ao trabalho às pessoas com deficiência intelectual, manifestando-se radicalmente contra as formas que julgava serem agressivas em tratamentos de sua época, tais como o confinamento em hospitais psiquiátricos, eletrochoque, insulinoaterapia e lobotomia. Nise foi pioneira ao enxergar o valor terapêutico da interação de pacientes com animais.

Abaixo o texto da Nise da Silveira, interpretada pela aluna Andressa Pereira da Rocha.

Entrevistadora – E a Arte do mito! Singular na psiquiatria brasileira, era uma gigante em força e coragem com que defendeu e lutou por suas ideias no âmbito da psiquiatria. Ela foi pioneira na terapia ocupacional, introduzindo este método no Centro Psiquiátrico Pedro II do Rio de Janeiro. Nise era alagoana e fez seus estudos médicos na Faculdade de Medicina da Bahia (1921-1926). Foi a única mulher numa turma de 157 alunos. Colou grau com a tese "Ensaio Sobre a Criminalidade da Mulher no Brasil" (28.12.1926) e retornou à terra natal em seguida, somente por um breve período, pois, com a morte prematura do pai, decidiu ir para o Rio de Janeiro (1927) onde estabeleceu suas raízes intelectuais e profissionais. Numa passada larga, atingi o vão da janela: agarrei-me aos varões de ferro, olhei o exterior, zonzos, sem perceber direito por que me achava ali. Uma voz chegou-me, fraca, mas no primeiro instante não atinei com a pessoa que falava. No patamar, abaixo de meu observatório, uma cortina de lona ocultava a Praça Vermelha. Junto, à direita, além de uma grade larga, distingi afinal uma senhora pálida e magra, de olhos fixos, arregalados. O rosto moço revelava fadiga, aos cabelos negros misturavam-se alguns fios grisalhos. Referiu-se a Maceió, quando apresentou-se: Noutro lugar o encontro me daria prazer. Senti surpresa, lamentei ver a minha conterrânea longe da profissão, do hospital, dos seus queridos loucos. Nise, acanhada, tinha um sorriso doce, fitava-me os bugalhos enormes, e isto me agravava a perturbação, magnetizava-me. Balbuciou imprecisões, guardou silêncio, provavelmente se arrependeu de me haver convidado para deixar-me assim confusa.

Entrevistadora - O que é mito Nise?

Quem é que sabe. É a expressão do inconsciente, digamos assim. O mito é como uma espécie de trilha. Se você partir do mito, Você chega onde quiser.

Entrevistadora - Como foi sua infância Nise?

Foi felicíssima. Filha única. Mimadíssima. Minha mãe, musicista, tangenciando a genialidade. Meu pai, um homem que lia muito matemática e literatura. Tinha uma boa biblioteca. E sendo assim, li Machado de Assis muito cedo.



Entrevistadora - Vamos brincar um pouco?

Vamos, adoro brincar!

Entrevistadora - Uma cor?

- Minha cor predileta é o azul. E para surpresa minha, uma cor de que eu não gostava e passei a gostar, não sei se por causa de Van Gog, é o amarelo. O sol.

Entrevistadora - E a Bíblia?

Gosto muito. Admiro bastante. Gosto muito de ver as aproximações e contrastes entre o Velho e o Novo Testamento. Uma imagem que me impressiona muito neste contraste é a atitude do Antigo Testamento em relação à mulher. Fazia parte da Lei mosaica, Moisés foi o legislador. A mulher adúltera era apedrejada até morrer. No Novo Testamento, há uma cena que eu acho belíssima. Jesus chega, atravessa uma praça e está lá uma mulher amarrada para ser apedrejada. Então alguém explica: essa mulher vai ser apedrejada porque foi apanhada em adultério. Jesus olhou para os apedrejadores que estavam ali e perguntou: "Quem de vós está isento de culpa?". Então eles foram saindo de cabeça baixa.

Entrevistadora - Uma flor...

A flor de sinete de Spinoza, na qual encontra-se escrito em latim: "Cuidado que eu tenho espinhos".

Entrevistadora - Uma lembrança...

São muitas. Talvez a minha mãe sentada ao piano lá de casa, esperando que chegasse o sabiá; é um pássaro curioso. Hoje ele não subsistiria. As pessoas por muito menos matam os pássaros. O sabiá é boêmio. Não vai para o ninho cedo, e canta de noite. Minha mãe com as mãos no piano esperando que o sabiá chegasse para aprender a melodia do seu canto. Depois ela achou que estava tão próxima realmente do canto do sabiá que resolveu acompanhá-lo.

Entrevistadora - Uma emoção...

São tantas... Por exemplo, ver um esquizofrênico que não se relacionava com pessoa alguma, abraçado com um cão, mostrando que a afetividade está viva no esquizofrênico, enquanto os livros dizem que ela está embotada. Uma destas fotografias, está no meu livro o "Mundo das Imagens".

Entrevistadora - Uma saudade...

Da minha casa em Maceió. Até me lembro dos versos de um poeta que diz assim: "Minha mãe, é em ti que eu penso, oh! casa". Esse é um dos motivos porque eu me recuso a ir a Maceió, pra não ver essa casa.

Entrevistadora - É um tempo mítico?

Acho que sim. Acho que Maceió pra mim é um mito. Uma cidade mítica que estragaram completamente querendo imitar Copacabana. Eu adoro Maceió. Tenho medo de ir a Maceió.

Entrevistadora - Quais são os teus medos?

Embora a morte propriamente não me faça medo, é de não saber como morrer como os gatos sabem. Um gato, quando não quer saber de uma pessoa, levanta a cauda e sai. Não parece que esteja com raiva como eu fico às vezes. Sutileza completa.



Entrevistadora - Uma personalidade...

Todo mundo é uma personalidade. As pessoas geralmente vivem recobertas pela Persona, que é a máscara do ator, vivem representando.

Entrevistadora - Uma música...

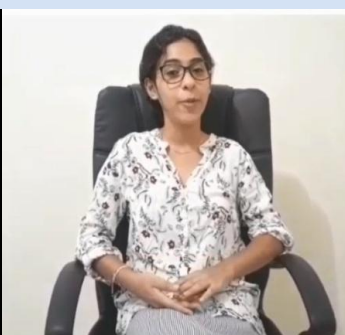
Resumindo eu diria: "As quatro estações" ou então, o canto do sabiá.

Entrevistadora - Pra encerrar o que Você gostaria de dizer.

Gostaria de dizer que o mal que está solto no mundo atualmente, dentro da complexidade da psique. Esse mal está em todos nós e nunca será destruído.



Card – Nise da Silveira



Andressa Pereira – Aluna Atriz

A segunda cientista: Marie Skłodowska Curie, cientista e física polonesa naturalizada francesa. Conduziu pesquisas pioneiras em todo o mundo no ramo da radioatividade. Primeira mulher a receber Prêmio Nobel e primeira pessoa, única mulher a ganhar o prêmio duas vezes. Abaixo, texto interpretado pela aluna Maria Eduarda Pimentel: **Marie Curie** – Revolucionária

“Eu faço parte dos que pensam que a Ciência é belíssima. Um cientista em um laboratório não é apenas um técnico, ele é também uma criança diante de fenômenos naturais que o impressionam como um conto de fada. Não podemos acreditar que todo progresso científico se reduz a mecanismos, máquinas, engrenagens, mesmo que essas máquinas tenham sua própria beleza”. Nunca soube explicar. É sobre o calor. Saber que você está tão perto de algo, prestes a descobrir. Às portas da descoberta, de algo totalmente desconhecido para o homem. Fenômenos estranhos. Terra desconhecida que a ciência nunca hesitou em trilhar. Não tem nome, sabia? Nesse exato momento, o que alguém está prestes a tocar com os dedos, para descobrir para sempre e pela primeira vez. Não tem nome. A ciência. É a ciência que nos permite nomear essas criaturas. A mãe do conhecimento, o grosso tronco que reveste a árvore da vida. Este batismo existencial é propriedade da ciência. Eu comecei isso por amor. Trabalhei com meu marido todos os dias. Junto com ele, mais do que trabalhando, ela acreditava que estava gostando de um presente. Juntos, ficamos surpresos e compartilhamos notas e notas. Juntos, descobrimos a essência das coisas que usamos todos os dias, e dia a dia eu me perdi nisso. Ele questionou tudo que eu já sabia e, sempre juntos, nos revelamos. Eu me perguntei como os átomos poderiam dar origem a algo tão bonito. Seu olhar. Seus olhos, sempre fixos. Ou o que acendeu em mim quando ele olhou para mim. Antes que os sinos anunciassem a morte. Agora carregam a rotina de quem apressou o dia. Eu fui encorajada pelo meu pai a me interessar pela ciência, terminei os estudos aos 15 anos e fui trabalhar como professora, antes de me mudar para Paris, onde continuei meus estudos. Em 1883, me graduei bacharel em Física e Matemática pela Universidade de Sourbonne, sendo mais tarde, a primeira mulher a lecionar nessa instituição de ensino europeia. Depois de formada, fui a primeira classificada para o mestrado em Física e, no ano seguinte, a segunda para o mestrado em Matemática. Minhas pesquisas resultaram na descoberta de dois novos elementos químicos: o polônio, que ganhou este nome em homenagem ao meu país natal, e o rádio. Eu e o Pierre realizamos pesquisas que abriram um novo desafio do casal no caminho a ser explorado na pesquisa científica e médica. Após a morte de Pierre, em 1906, continuei a estudar a radioatividade, principalmente suas aplicações terapêuticas. Em 1911, recebi outro prêmio, desta vez o Nobel de Química, NOSSA! UMA MULHER! Tornei-me a primeira pessoa, até então, a ganhar duas vezes o Prêmio Nobel. Na vida, não existe nada a se temer, apenas a ser compreendido. Seja menos curioso sobre pessoas e mais curioso sobre ideias. Cada pessoa deve trabalhar para o seu aperfeiçoamento e, participar da responsabilidade coletiva por toda a humanidade. A vida não é fácil. Temos que ter persistência e confiança em nós mesmos. Não podemos esperar construir um mundo melhor sem melhorar os indivíduos.



Card Marie Curie

Maria Eduarda – Aluna – Atriz

A terceira cientista é a Ada Lovelace - A Encantadora de Números. Abaixo o texto que foi interpretado pela aluna Ranyara Oliveira da Silva.

Aos 12 anos de idade, disse a minha mãe que queria construir uma máquina voadora. A minha ideia era desenvolver um mecanismo a vapor, em formato de cavalo, que carregasse um par de asas, possibilitando que humanos voassem em suas costas. Imaginei esse aparato após estudar a anatomia dos pássaros e a adequação de vários materiais, conhecimento que a ajudou ilustrar todo o seu projeto. Meu nome é Augusta Ada King, nasci em Londres, sou matemática, cientista da computação e escritora britânica. Entre minhas anotações sobre a máquina está o que é reconhecido hoje como o primeiro algoritmo destinado a ser processado por uma máquina, por isso sou considerada a primeira programadora de computadores. Pensamos a capacidade dos computadores de ir além de simples cálculos numéricos. Minha posição social e da educação me levaram a conhecer cientistas, Ainda jovem, minha relação com a matemática a levou a uma longa amizade com o matemático inglês Charles Babbage e, com o trabalho de Babbage sobre a máquina analítica. Entre 1842 e 1843, traduzi um artigo do sobre a máquina, que complementa com um extenso conjunto de notas próprias, simplesmente denominado Notas. Essas notas contêm o que é considerado o primeiro programa de computador, um algoritmo codificado para ser processado por uma máquina. Isso é fundamental para a história da computação. Eu conseguia visualizar diversas outras utilidades para o mecanismo desenvolvido por Babbage, meu mentor. Eu compreendo que podemos aprender qualquer tipo de conteúdo, como música, texto, imagens e sons, e pode ser traduzido para a forma digital e manipulado pela máquina. Supondo, por exemplo, que as relações fundamentais dos sons agudos, na ciência da harmonia e da composição musical, sejam suscetíveis a essas expressões e adaptações, o mecanismo pode compor peças musicais elaboradas e científicas de qualquer grau de complexidade ou extensão. Isso pode acontecer no futuro com a modernização no futuro. Podem ser acrescentadas seções secundárias e terciárias, a depender de cada temática a ser abordada.



Card - Ada Lovelace - Ranyara Oliveira – Aluna - Atriz

A quarta Cientista: Katherine Johnson, interpretada pela Professora colaboradora Maria Janailma.

Enquanto trabalhei na Nasa desenvolvemos cálculos da mecânica da órbita que ajudaram no processo de chegar até o espaço. Eu sou Katherine Johnson, sou matemática, física e cientista espacial. Vamos falar sobre ciência? Eu nasci em Virginia, dizem que fui uma criança prodígio. Conclui o ensino médio aos 14 anos e, aos 18, recebi meu diploma universitário. Sempre gostei de matemática, eu contava tudo, os passos até a igreja, o número de pratos e talheres que eu lavava. Tudo o que podia ser contado. Comecei a trabalhar na Nasa aos 35 anos, fui contratada para ser uma “computadora”. Na época os cálculos matemáticos eram feitos a mão, ainda não existiam computadores. Sempre gostei de contar, mas daí para se tornar uma matemática era um grande salto. Ao entrar na universidade fiquei indecisa entre se dedicar a inglês, francês ou matemática. Graças à ajuda de uma professora de geometria, me entreguei à minha paixão pelos números. Na Universidade me destacava com os números, um dos professores, Dr. William, decidiu me ajudar para que eu tornasse uma pesquisadora. Para isso, fez o possível para que eu cursasse todos os cursos de matemática e criou uma classe de geometria analítica espacial especialmente. Eu tinha o cuidado de ajudar os colegas. Às vezes percebia que os outros na turma não entendiam o que ele estava ensinando, então eu fazia perguntas para ajudá-los. O professor me dizia que eu devia saber a resposta, até que eu tive que admitir que sabia, mas os outros não. Devemos ser humildes, ajudar quem precisa. Para a mulher havia poucas opções, por isso me tornei professora. Um dia soube que a NASA estava buscando mulheres para trabalhar como “computadoras” num departamento de navegação. Fiz minha inscrição duas vezes até ser aceita. É necessário questionar sempre, eu não me contentava em somente fazer o meu trabalho. Desejava saber os “como”, “por quê” e “por que não”. Por exemplo, quando soube que mulheres não podiam participar de reuniões, quis saber se havia uma lei contra isso. A resposta era não, passei a participar dos encontros. Em 1960, me tornei a primeira mulher a receber crédito por um relatório de pesquisa. Compartilhe sempre o que aprendeu. Nunca deixei de participar de conferências para compartilhar minha experiência na NASA. Falar com estudantes para encorajá-los a seguir carreira nas ciências e matemática. Algumas coisas vão desaparecer, mas sempre vai haver ciência, engenharia e tecnologia. E sempre, sempre vai haver matemática. Tudo é física e matemática.



Card Katherine Johnson - Janailma Barbosa, Professora Colaboradora – Atriz

Quinta Cientista: a pesquisadora Márcia Barbosa, interpretada pela professora Rayane Oliveira.

Olá eu sou Márcia Barbosa! Cientista brasileira. Sou física teórica e estudo as propriedades da água. Luto diariamente no combate a discriminação de gênero na ciência. Quando eu tinha 15 ou 16 anos, um professor, diretor do Colégio Estadual Marechal Rondon, em Canoas [RS], onde eu estudava, me convidou para ajudar a criar um laboratório de ciências, talvez já vendo que eu tinha uma queda para essa área. Estudava à tarde e durante um ano trabalhei à noite na montagem do laboratório, com os professores de química e de física. A convivência foi rica. O professor Milton Zaro, de física, me trazia problemas para resolver. Um dia, propôs fazer um forno elétrico com tijolos e uma resistência elétrica. Depois, quis que eu criasse um dispositivo de efeito fotoelétrico com vácuo, o que era muito difícil. Descobri que a física era um campo de experimentação, aventura e descoberta. Foi aí que resolvi que queria fazer física e ser cientista. Não me via seguindo profissões tradicionais, como meus pais queriam. No começo foi difícil, mas com o tempo eles aceitaram minha decisão. O mais difícil na carreira como cientista é ver que ao longo do caminho tantas outras mulheres desistiram porque se tornaram mães, porque não queriam aguentar aquelas ‘mordidinhas de mosquito’, que são os comentários cretinos de um colega. Fui perdendo essas companheiras de luta, e então vi que eu tinha um trabalho, além do meu trabalho de cientista, de garantir que no futuro as mulheres não desistam da sua carreira por causa dessas mordidinhas. Sabe por quê? Porque essa carreira é linda. Quando você percebe que é a primeira pessoa que compreendeu alguma coisa no mundo, é um sentimento inigualável. É por isso que eu sou cientista. Eu persigo todos os dias esse sentimento – depois de muito trabalho, tem aquele instante de êxtase total. É um orgasmo!



Marcia Barbosa – Cientista- Rayane Oliveira – Professora Colaboradora e Atriz

Links dos vídeos das produções disponíveis no Youtube

TÍTULO	LINK
Podcast Mercedes Augusta	https://www.youtube.com/watch?v=kLREAUedqk8
Ada Lovelace	https://www.youtube.com/watch?v=yl8i67lckhQ&t=4s
Katherine Johnson	https://www.youtube.com/watch?v=Fjr3qUp_ykA
Nise da Silveira	https://www.youtube.com/watch?v=TRo-h1xZdhk&t=149s
Márcia Barbosa	https://www.youtube.com/watch?v=SNiTEwwtqx4
Monólogos: Mulheres na Ciência – VI Encontro de Iniciação Científica do IFAL – Palmeira dos Índios/AL.	https://www.youtube.com/watch?v=Iq4oLNiAO0Y
Arte, Ciência e Literatura	https://www.youtube.com/watch?v=7RE9AEHgyHQ
Seu Manezinho matou o corona vírus	https://studio.youtube.com/video/oWVUnTAri7A/edit
Ada Lovelace – V Encontro Estudantil	https://www.youtube.com/watch?v=vTkFySIBdw0&feature=youtu.be
Carta de Clarice Lispector	https://www.youtube.com/watch?v=rcGDcgerI28
	https://www.youtube.com/watch?v=8H1pCxXnXRY&t=4s
Capitú	https://www.youtube.com/watch?v=ksSHd7515IA
Presente, Passado e Futuro	Ato I: https://youtu.be/h-2aUiRugNo Atos II e III: https://youtu.be/oMn_NBmi_jA

Outras produções teatrais oriundas da experiência com mulheres cientistas

As cinco produções acima apresentadas deram origem, à outras produções: Cartas de Clarice (Centenário de Clarice Lispector), Monólogo de Capitú (Ciências e Literatura) e outros. Destacamos, principais contribuições desses nomes de mulheres de legado inspirador, elencamos as motivações, fundamentos e ações dessas produções com estudantes da escola estadual Graciliano Ramos.

Clarice Lispector. Importância para a literatura. Relação da literatura com a arte.

“A arte existe porque a vida não basta” afirmou certa vez o poeta Ferreira Gullar (1930-2016). Nesse sentido, não importa qual seja a sua dimensão, nem suas tantas funções à literatura, o que importa é que o ato de fazê-la estará sempre associado “ao viver”, “ao ser “ou em parte, “ao que o falta”, numa constante tentativa de dar sentido à vida. Reflete-se aqui acerca da arte escrita daquela que “escrevia como quem queria salvar a vida de alguém, talvez a sua própria vida” e que tinha “a palavra como seu domínio sobre o mundo”: Clarice Lispector. Russa, naturalizada brasileira Clarice Lispector (1920-1977), é considerada uma icônica figura da literatura mundial sendo, na contemporaneidade, um nome a qual sua obra é contemplada por um público infindo, tem grande contribuição no acervo literário da literatura brasileira, é notável por tratar em sua obra de questões existenciais e por isso fez com que seus leitores tivessem assim um encontro consigo mesmo, com o “eu”. Seus textos hoje, vem adquirindo adaptações para o cinema e o teatro, por grupos de pessoas que desejam reviver seus feitos, e, através das ações específicas inerentes a cada um, têm permitido mais uma vez o disseminar do que foi sua voz.

Em vista da grandeza que tem sido as manifestações à obra clariciana é importante destacar o trabalho que tem sido promovido a alunos do ensino médio da Escola Estadual Graciliano Ramos (EEGR), situada em Palmeira dos Índios-AL, que tem oportunizado aos seus integrantes, e a toda a comunidade escolar a divulgação de diversas peças teatrais retratando a literatura de escritores brasileiros o que tem entrelaçado, de modo muito objetivo, a relação da literatura com a arte. O grupo, em mais uma das suas atividades “Um estudo às cartas escritas por Clarice Lispector” que destinadas ao Brasil para amigos, escritores e às suas irmãs, no período a qual a escritora passou quase vinte anos fora do país acompanhando seu marido Mauri Gurgel Valente, tem posto estes adolescentes em contato direto com esta rica literatura, o que, para muitos, pode ser considerado um desafio. Há que se notar que a interpretação feita às cartas de Clarice por esses alunos, implica importante função não apenas no que concerne à aquisição literário-cultural, se tratando do âmbito da literatura, mas ao desenvolvimento de habilidades sócio-cognitivas de aprendizagem, no que refere-se ao ensino e ao ensino da arte, em particular, ao ensino que é promovido pelo teatro na escola, uma vez que as atividades voltadas a tal seguimento exigem dos educandos, esforço e comprometimento que ultrapassa os muros da sala de aula na busca por um ideal conjunto: evidenciar a importância que tem o teatro para a vida e o desenvolvimento destes alunos.

Assim, torna-se evidente o quão importante e necessário faz-se a inserção do teatro no ensino médio, tratando-se em particular da literatura produzida por esta esplêndida figura literária, só reforça o quanto a sua obra pode ser acessível e compreendida por um público além de intelectuais crítico-literários, mas a alunos da educação básica. Alunos estes, que devem e têm a capacidade para decifrá-la, vindo a desmistificar o *status* de escrita hermética, aderida a escritora, que em outras palavras falou ser a sua literatura, em muitos casos, melhor compreendida por jovens, que por adultos. Por fim, arte e literatura estão interligadas e, nas mãos das pessoas certas podem propiciar e beneficiar ainda mais o ensino e o ensino que é promovido à escola pública.



Cards Cartas de Clarice – Maria Eduarda – Aluna – Atriz

CAPITU: OLHAR DE CIGANA! – Abaixo, texto interpretado pela aluna Andressa Pereira.

Esta é uma história que aconteceu comigo no Rio de Janeiro do século XIX, mais precisamente na Rua Mata Cavalos. Prazer, Capitulina! Com orgulho, filha do senhor Tartaruga, para os amigos, simplesmente Capitu. Há quem diga que Bentinho num desejo de ser amado se aproximou de mim e de minha teia e assim, enredado com o passo dos anos, dominado por ciúmes doentio, tornou-se Dom Casmurro. Cem anos, Sr. Machado de Assis, cem anos que aguardo entre páginas amarelas a redenção ou a condenação. Machado de Assis escritor amante dos olhos, descreveu-me com estes olhos indecifráveis, olho de ressacas... que atraem pelo mistério como o mar em dias de tempestade.... olhos de cigana, senhor Machado? Obliqua? Dissimulada? Dissimulada não, amada! Sabe? Estive pensando, no lugar não deveria ter olhos de cigana, mas olhos de fogo, afinal, não viravam mulas sem cabeça as pobres moças que se apaixonavam por padres? Mas, meu amado marido Bentinho, nunca foi um padre de fato, esta história foi apenas uma promessa materna que se quebrou pelo nosso amor que começou de forma inocente nos quintais de nossa infância. Com arte e manha engenhou pra mim, um romance digno de Shakespeare, com ambiente e personagens perfeitos para uma ópera trágica e magnífica. Ser Capitu não é só ter um título, é ter uma sina de ser um eterno mistério... o maior enigma da Literatura.... Traí... não traí...(risos) deixo plantado em vocês, caros leitores, esta eterna dúvida. Quer saber de uma coisa? Certa vez tive ciência de que eu era uma criação masculina. Tudo o que se conhecia de mim havia sido dito por homens, e sobre meus ombros estava a imagem negativa da mulher adúltera. Dos olhos de Bento Santiago me fizeram. VAGABUNDA! Ah, a moral do homens, estes homens de bem também adúlteros. Não me importo com a moral de vocês. Mas quem diabos disse a vocês homens que deveriam fiscalizar e repreender a minha sexualidade (ou a de qualquer uma outra)? Emancipar-me-ei. E Tu Bento? Me caracterizou com milhares de qualidades que mais tarde intencionalmente se fizeram armadilha sem nenhuma possibilidade de defesa. A mim coube o silêncio. A mim coube a figura da mulher que destrói a vida e a reputação de um homem. Não sou tua subalterna, Bento. Mas você era o homem detentor da palavra e a mim só cabia a fúria nos olhos. Condene-me ao teu desprezo, mas não me prenda a ti, não sou teu objeto. Eu não sou tua. A mulher transgressora é punida, é taxada, afim que se mantenha a ordem social. Eu não sou tua. O espaço da mulher é reservado pela expectativa criada por uma ideologia autoritária e patriarcal. A nenhuma delas é possível sair de seu espaço restrito para se aventurar num mundo mais amplo, da realização pessoal. Um autor masculino que fala por mim. Eu não sou tua. “Tenho-me de volta agora. Recuperei-me. Ninguém há de me tirar de mim.”



Cards – Capitú – Andressa Pereira – Aluna – Atriz

Produção Audiovisual- reflexão sobre a vida diante da Pandemia: “**Passado, Presente e Futuro**”.

Atrizes: Andressa
Pereira, Eduarda
Pimentel e Ranyara
Oliveira.
Ator: Kaio Matias



Personagens:
Passado (Andressa);
Presente (Eduarda);
Olívia (Ranyara);
Giovani (Kaio).

CENA I – O PASSADO

Passado - Olá eu sou o passado, lembra de mim? Você lembra como era sua vida antes de mim? Do que sente mais saudade? Você já tinha usado máscara na sua vida ou isso era coisa dos chineses?

Passado – No dicionário eu tenho uma singela definição, anterior; que vem antes: mês passado. Esse significado pode ser simples, mas já se pegou pensando quais são suas lembranças?

Passado – Você tem saudade do seu passado? Quantos abraços lhe faltaram? Hoje vamos contar a história de Giovani e Olívia, não quero que seja uma história clichê, mas qual história de amor não é? Por falar em amor, quantos amores te faltam?

Passado – Esse é o Giovani, filho atencioso que passa muito tempo de sua vida cuidando de sua mãe e irmão enquanto seu pai trabalha, não tem experiências sentimentais, ele não sabe ainda, mas tudo vai mudar quando uma certa menina chamada Olívia chegar em sua vida. Como eu sei disso? Minhas amigas presente e futuro me contaram.

Passado – Essa é a Olívia, menina doce e muito determinada, gosta de escrever e poesias, no final da tarde de ir a estação, não para ver as chegadas e despedidas, observar o tempo, pessoas, encontros, amores, e quem sabe encontrar o seu. Mas isso não determinava sua vida, ela gostava mesmo era de ver o tempo passar. Quando no fim da estação Giovani aparece, ela não o conhece, mas isso quem irá contar é minha amiga presente. Uma dica: Viva e seja Feliz.

CENA II – O PRESENTE

Presente – Aviso, já que estamos em uma linha temporal atual, os personagens precisam seguir as recomendações dos órgãos de saúde usando a máscara e sempre passando álcool gel. A pandemia ainda não acabou, e se você tomar vacina você não irá virar jacaré.

Presente – Olá eu sou o Presente. Presente é um termo para designar o tempo do agora, que é o passado e o futuro ao mesmo tempo. Como o tempo é algo que flui constantemente sem pausas, é impossível marcar o presente já que a cada intervalo de tempo que passa o presente vira passado, assim, o presente é constante e infinito. Vamos continuar a história de Giovani e Olívia, o que será que aconteceu com eles?

Presente – Onde nós paramos mesmo? Ah sim, no olhar do encontro de Giovani e Olívia. Essa precisa apenas de um fundo musical. Por falar em música, qual é música de amor de sua vida?

Presente – Depois desse momento clichê, vamos ao diálogo.

Olívia – Sabe o que mais encanta na poesia?

Giovani – Não gosto muito de poesia, talvez pelo fato de não conhecer bem.

Olívia – Com a poesia eu posso expressar diretamente sentimentos e visões pessoais. Isso é lindo.

Giovani – Você que é...

Presente – Nesse momento um silêncio que parece não ter fim... O que acontece com os dois nesse momento? Será que estão com frio na barriga? O que aconteceu quando vocês se apaixonaram?

Giovani – Declama uma poesia...

Olívia – Qual poesia?

Giovani – Não sei, qualquer uma.

Olívia – Tem uma escritora que gosto muito, Clarice Lispector, ela escreveu assim: A mensagem é clara: Não sacrifique o dia de hoje pelo de amanhã. Se você se sente infeliz agora, tome alguma providência agora, pois só na sequência dos agora é que você existe. Há momentos na vida em que o arrependimento é profundo como uma dor profunda. Agora está sendo neste próprio instante. Repito por pura alegria de viver: A salvação é pelo risco, sem o qual a vida não vale a pena!

Presente – Que lindo não é? Qual a poesia de sua vida? Os próximos capítulos quem vai contar é a Futuro.

CENA III – O FUTURO

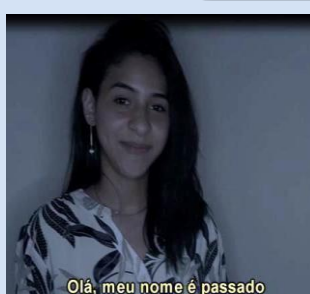
Olívia – Você já chegou a pensar como vai ser nosso futuro? Como estaremos depois de tudo isso? Giovani – Não sei bem, minha vida sempre foi muito tempo em casa.

Olívia – Há tempo não dou um abraço, não pensei que faria tanta falta. Há quanto tempo não abraça?

Giovani – Em casa nunca fui muito de abraçar.

Olívia – O abraço é essencial para vida, é saudável querer estar perto de alguém. O abraço será ainda melhor se o outro souber o que se sente bem e confortável quando o abraça. Abraço é poesia. Renova.

Olívia – Sabe, vivíamos em um mundo de desperdício e admiração. De pobreza e abundância. As pessoas criaram empresas para negociar em todos os países. Mas elas cresceram, ficaram maiores do que poderíamos ter planejado. Sempre tivemos nossos desejos, mas agora tudo ficou tão rápido. Você pode ter tudo com o que sonhou em um dia e com apenas um clique. Famílias pararam de se falar. Pra não dizer que elas nunca tenham se falado. O equilíbrio entre a vida profissional e o trabalho se rompeu. Os olhos das crianças ficaram mais quadrados, cada uma tinha um telefone. As pessoas se sentiam sozinhas. E todos os dias o céu ficava mais espesso, até que você não conseguia ver as estrelas. Dirigíamos o dia inteiro em círculos e esquecemos como correr. Enchemos o mar de plástico porque nossos resíduos nunca foram tratados... Mas, então, em 2020, um novo vírus apareceu. Os governos reagiram e nos disseram para nos escondermos. Mas, enquanto nós estávamos escondidos, em meio ao medo o tempo todo, as pessoas tiravam o pó de seus instintos. Elas se lembraram de como sorrir, começaram a bater palmas, voltaram a ligar para suas mães. E, enquanto as chaves do carro acumulavam poeira, as pessoas esperavam ansiosamente por suas corridas a pé. E, com o céu menos cheio de viajantes, a terra começou a respirar. E as praias traziam novos animais selvagens que mergulhavam nos mares. Algumas pessoas começaram a dançar, algumas cantavam, outras cozinhavam. Estávamos acostumados com as más notícias, mas algumas boas apareceram. Quando encontramos a cura e fomos autorizados a sair, preferimos o mundo que encontramos em vez daquele que havíamos deixado. Antigos hábitos se extinguíram e abriram caminho para novos. “E todo simples ato de bondade passou a ser devidamente feito” (Olívia e Giovani saem de mãos dadas).



A Experiência nas vozes de Alunos, Professores e outras pessoas da Comunidade Escolar e alguns dos resultados.

A experiência com o teatro em espaço formal ou informal pode atingir de forma abrangente as pessoas tanto que atuam e produzem como as que apreciam. Aqui destacamos os depoimentos dos produtores e participantes dessa ação, bem como destacamos alguns dos resultados obtidos.

Nome	Segmento	Depoimento
Ranyara O. da Silva	Aluna – Atriz (3º Ano) Ensino Médio.	Olá! Eu sou Ranyara Oliveira, e dentre os monólogos sobre as cientistas eu interpretei a Ada Lovelance, e foi uma experiência inexplicavelmente incrível, pois o roteiro falava sobre como ela começou a pensar sobre números desde criança, e foi a primeira pessoa a criar um código à ser processado por uma máquina, o que me lembrou o quão incrível é a criatividade, independente da fase da vida ela é super importante e faz toda a diferença.
Maria Janailma Barbosa	Professora – Atriz – Colaboradora	Minha última atuação no teatro foi quando representando uma mulher cientista de uma história inspiradora: Katherine Jonhson. Foi bastante desafiadora essa experiência, ao mesmo tempo gratificante. Entre os desafios estavam: estudar melhor sobre a história dela, buscar elementos para um cenário e figurino mais representativo possível, driblar as interferências na gravação. Representar esta mulher norte americana que desempenhou brilhantemente seu papel como cientista na Nasa, foi muito interessante. Por me sentir representada como mulher, negra, na busca de conquistas profissionais e de vida, por conhecer melhor a história dela e sua contribuição social, por contribuir com a visão sobre a mulher ocupando vários espaços na sociedade, inclusive sendo cientista, por usar a arte como linguagem para fomentar esse debate. A arte é de fato importante na sociedade. Por comunicar, expressar, encantar, ensinar, fazer refletir, transformar. E foi o meio pelo qual levamos conhecimento sobre mulheres na ciência, para várias pessoas de forma atrativa, e que, com certeza foi também para mim, oportunidade para aprender pela arte do teatro.
Maria Eduarda Pimentel	Aluna – Atriz (2º Ano) Ensino Médio.	Atuar em peças científicas sempre foi um conceito novo pra mim, principalmente porque a maior parte dos meus papéis entraram nesse conceito desde que ingressei no teatro escolar. Ser o elemento Cálcio, na peça "Os Heróis da Ciência" acabou por ser muito diferente de interpretar Marie Curie, por exemplo, pois a ambiguidade em ambos os papéis era enorme, mesmo que fizemos parte de um contexto envolvendo a Ciência. Marie Curie é um pilar que sigo desde que aprendi sobre sua história. Suas dificuldades, suas barreiras, suas perdas, sua vontade, seus sonhos: tudo aquilo que a levou a se tornar a física mais influente do mundo. Outra mulher muito influente que tenho orgulho de ter personificado foi a Clarice Lispector, alguém de personalidade forte com quem me apaixonei desde que me aprofundei mais nas obras literárias. Enquanto em meados do ensino fundamental eu bufava de tédio lendo livros de Literatura Brasileira na produção de redações, agora ler às mesmas obras me despertou um interesse muito pertinente. Com certeza, atuar como grandes mulheres no teatro foram e ainda são uma grande força de inspiração pra continuar perseguindo sonhos que quero alcançar.
Andressa Pereira da Rocha	Aluna – Atriz (2º Ano) Ensino Médio.	Não é surpresa para ninguém que o teatro nos dá a oportunidade de sermos pessoas incríveis e personagens magníficos. Comigo não foi diferente. Tive a honra de interpretar mulheres poderosas, mas também injustiçadas. Uma que foi incrível apresentar foi o ponto de vista de Capitu. Tendo pela visão geral a imagem de uma mulher adúltera, poder entregar seu lado da história por meio do teatro foi realizador. E como muitas mulheres infelizmente sofrem sendo vítimas e não podem expressar com confiança o seu argumento sobre o acontecido, fazer a Capitu uma mulher de tamanha confiança diante do caso e ir contra muitas pessoas e seu marido, acredito que foi inspirador. Falando em inspiração, indo mais um pouco pro lado científico, Nice de Silveira foi uma mulher e tanto. Passou por poucas e boas e infelizmente não tem todo o conhecimento que deveria ter com seu grande feito que foi humanizar os tratamentos psíquicos no Brasil. Todavia, tive a honra de representa-la, e mais uma vez, dar um pouco de vida e visibilidade por meio da arte, mostrando um pouco mais de sua importância e história. Isso é uma das grandes coisas que amo no teatro, compartilhar de forma mais acessível informações sobre grandes mulheres e grandes feitos que causaram na história ou até mesmo dar a chance de espalhar seu ponto de vista, antes silenciado.

Rayane O. da Silva	Professora – Atriz - Colaboradora – Maquiagem e Figurino.	Olá, sou Rayane Oliveira, interpretei a Márcia Barbosa que é uma professora e pesquisadora brasileira. É professora titular no Instituto de Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Márcia é defensora da ciência brasileira e de uma maior inclusão das mulheres nas ciências, em especial as exatas. Minha contribuição foi com a maquiagem e figurino das atrizes. O teatro proporciona experiência na vida e obra das cientistas brasileiras, que são tão importantes para reafirmar nosso lugar no mundo. Nos mostra que temos oportunidades e possibilidades de ser quem quisermos ser.
Maria Júlia Duarte	Aluna – Atriz (2º Ano) – Ensino Médio	Essa experiência a partir das aulas de teatro possibilitou uma nova perspectiva não somente artística, mas também de relacionar com a vida e obra de cientistas brasileiras e estrangeiras.
Gabriele Lima	Aluna – Atriz (3º Ano) – Ensino Médio	Para mim foi muito importante essa experiência, me possibilitou mais confiança de pensar e fazer artisticamente, mas também como mulher que podemos fazer diferença nesse mundo, tratando de forma igualitária essa questão de gênero em nossa sociedade.
Antônio Emanuel.	Aluno do 2º Ano – Ensino Médio.	O Teatro foi uma parte da minha vida muito benéfico em vários aspectos, pois foi no grupo teatral que eu consegui desenvolver alguns talentos que eu tinha, que nem eram do meu conhecimento. Além do mais, foram nas peças teatrais que eu consegui deixar a timidez. Ao apresentar as peças para o público, eu vi um lado extrovertido que eu possuía, mas não demonstrava. Logo, foi no Grupo de Teatro da Escola, que eu desenvolvi tanto meu lado artístico, quanto minha própria personalidade, também tive mais facilidade em fazer amizades devido a perda da timidez.
David Robert	Ex-Aluno	Bom, quando cheguei na escola era considerado um mero estranho. Dificilmente consegui me socializar com os meus colegas afinal era muito calado. Então um dia quando assiste a primeira peça na escola eu realmente tive curiosidade e queria fazer parte, e isso ocasionou em fazer novas amizades e principalmente o meu primeiro talento como ator que descobri em mim, e foi uma chave que abriu a porta para outros talentos como na dança e na música, o fato é que quando chego no palco e dou o meu melhor bate um sentimento de alegria e vitória. Onde transformou um mero estudante estranho em um mero estudante artista.
Vitória Souza	Aluna do 2º Ano – Ensino Médio	Olá, meu nome é Vitória, vim falar um pouco de quando eu fazia teatro na escola. Quando comecei a fazer teatro, pensei que seria só mais uma coisa chata para me fazer perder meu tempo, mas não, teatro muda vida, teatro muda pessoas, quando fui me adaptando, percebi que lá eu poderia ser eu mesma, brincar, gritar, pular, me divertir, lá eu poderia ser eu mesma e também poderia ser qualquer personagem que eu quisesse e isso começou pouco a pouco me mudar, pessoas incríveis me aceitando do jeito que eu sou, pessoas completando minhas loucuras, pessoas que me incentivavam e não me julgavam. No teatro sua imaginação e criatividade vai a mil milhões, e sabe o melhor? Você não precisa esconder, você só precisa colocar aquilo para fora de forma que você queira e depois pode adaptar para um personagem seu, então teatro não vai te fazer perder seu tempo, teatro vai te fazer ser você mesmo, o teatro vai mudar sua forma de pensar, não tenha medo de ser julgado, lá você pode expressar tudo, são pessoas incríveis respeitando cada imaginação e pensando como colocar sua imaginação em prática.
Mirele Nicassio	Ex - aluna	Trabalhar com teatro para mim foi uma experiência extraordinária, onde aprendi bastante sobre trabalhar com pessoas, e para pessoas. Aprendi que toda arte é importante, não só a que aprendemos em sala de aula com a professora, ou professor como também aqui aprendemos na oficina de teatro, seja ela atuando, dançando ou simplesmente só observando. O teatro na escola foi muito importante para mim, pode parecer clichê mais me ajudou bastante em meu desenvolvimento social. A partir do teatro na escola conheci outras cidades, novas pessoas, outras culturas e adquirir novas experiências.
Vitória Soares	Ex-aluna	Meu primeiro contato com o teatro foi em 2016, quando ainda estava no ensino médio. Lembro que naquele ano, foram ofertadas algumas eletivas na escola, dentre elas, estava a de teatro. Inicialmente, fiquei um pouco indecisa se deveria participar ou não, pois a timidez falava mais alto. Mas, decidi que iria arriscar e tentar, pois era algo que tinha curiosidade em fazer, mas não tinha coragem, até então... A primeira vez que dramatizei um texto, tremi só em pegar no papel e sentir os olhares voltados para mim, e ainda assim houve alguém que percebeu que eu tinha talento para os palcos, antes que eu mesma pudesse notar. A partir dali, entrei para o grupo de teatro da escola e foi nele que tive a oportunidade de conhecer de perto essa arte. Passei a ter mais facilidade para falar em público, comecei a desenvolver

		melhor a escrita de textos, fiquei mais confiante quando lidava com algum desafio, e se eu fosse listar nessas linhas tudo o que o teatro transformou em mim, ainda assim, não seria suficiente. As experiências proporcionadas pelo teatro foram maravilhosas e me fizeram ver que tudo que desenvolvi estava ao meu alcance, só não conseguia enxergar isso antes porque vivia presa numa zona de conforto e o teatro me fez sair dela, de uma maneira muito sutil. Hoje sinto que a facilidade que tenho em me expressar é fruto das experiências que vivenciei nos palcos, logo, eu não seria a mesma se tivesse escolhido não participar daquela eletiva, pois foi ali que tudo começou.
Bianca Raiane	Ex-aluna	O Teatro trouxe vários aspectos de mudanças na minha vida pessoal e escolar na questão de se expressar melhor, na minha oratória, no meu senso crítico e de auto conhecimento. Comecei a observar o mundo com uma percepção mais artística do modo como as pessoas se expressam e como eu poderia me expressar em situações específicas, o teatro fez com que eu me questionasse, me ajudando no auto conhecimento nas minhas falhas e dificuldades e o que eu poderia fazer para melhorar e quais eram os meus talentos e posteriormente me ajudando a ter um senso crítico melhor o que antes eu não era aberta a aceitar, passei a receber melhor as críticas que eu recebia e usá-las para tentar melhorar. Antes de entrar no teatro eu já era extrovertida, porém eu ainda tinha medo de público e ao longo do tempo eu fui perdendo esse medo o que me ajudou quando eu tive que palestrar e fazer melhor as apresentações, e na forma de improvisação que ajudaram dentro e fora, me fazendo pensar de forma rápida a resolver problemas inesperados. Além da possibilidade dos projetos que era uma das coisas que eu mais gostava, eu amei fazer teatro e ao mesmo tempo estudar química que foi o caso dos "Heróis da Ciência" e estar passando isso para as outras pessoas foi uma das melhores sensações, quando fazíamos as apresentações e o público depois falava que aprendeu sobre a tabela periódica e começava a se interessar por teatro. E quem me mostrou e me fez a abrir os olhos para um cenário de novas possibilidades foi o Anderson nosso querido mentor. Por consequência a isso o teatro me ajudou a ouvir mais, a observar mais, me expressar mais e a sentir mais, as pessoas, as coisas e o mundo.
Maria Julia Duarte	Aluna do 2º Ano – Ensino Médio	Fazer teatro na escola abriu muitas fronteiras pra mim. Eu que sempre tive muita dificuldade em me expressar e me comunicar acabei aprendendo a como fazer isso da melhor forma. No teatro eu me encontrei, vi possibilidades diversas de correr atrás dos meus sonhos, percebi que era possível esquecer todos os meus problemas quando eu estava lá, atuando, onde eu deixava de ser Maria Júlia e era a Sódio! Minha saudade diária de fazer teatro. Obrigada Anderson por me apresentar mais uma família e por me mostrar que sempre posso ir além!
Gustavo Souza	Ex-aluno	Eu sempre quis fazer parte de um grupo de teatro, porém tinha grandes dificuldades de me relacionar com outras pessoas. Ao fazer parte do grupo pude aprender técnicas que me ajudaram a ser moldado até chegar ao desejado mesmo sabendo que o caminho não é fácil. O teatro na vida foi de grande importância, me fazendo enxergar que somos capazes de interpretar diferentes personagens e coisas sendo possível viajar no tempo e espaço sem precisar se mover do lugar. Atuar foi a melhor coisa que me aconteceu tendo uma maior confiança, concentração bem como no meu desenvolvimento comunicativo e estímulo à leitura.
Luma Cardoso	Professora da Escola.	Fiquei encantada com o projeto, essa divulgação da grandiosa participação das mulheres na ciência é muito importante, principalmente para incentivar as meninas a se aventurarem na área das ciências e tecnologias. Recordo que nos tempos de faculdade as turmas de Computação eram, em sua maioria, compostas de homens, o que levava algumas das mulheres a desistirem de se formar na área, algumas passavam por discriminação, pois existia o preconceito que essa área não era para mulheres, devido a isso, já existiam projetos de incentivo a permanência de mulheres na Computação. Não só na Universidade que estudei, mas em diversas universidades do Brasil, existem esses projetos, se as jovens forem incentivadas, desde a Educação Básica, que é possível para uma mulher brilhar num universo de maioria masculina existem ainda mais possibilidades de ingressarem na área e permanecerem no curso.
Susana Pimentel	Mãe da Aluna Maria Eduarda Pimentel	Foi muito gratificante saber que minha filha fez parte do teatro na Escola e ver seu desempenho no palco me surpreendeu, já que ela sempre foi uma pessoa muito tímida. Desde sempre a apoiei em seus sonhos e conquistas independente do quão fora da minha realidade eles fossem, porque me considero a maior admiradora dela. Mesmo sabendo que talvez esse não seja o caminho que ela vai seguir, ficará sempre marcado o quão importante foi fazer a

		Marie Curie ou o elemento químico Cálcio. Ela fez papéis que saíram desde interpretar uma criança, um cangaceiro, uma “piriguete” no enterro do marido, e uma escritora e lembro bem de todos eles. Seu estilo de roupa sempre foi muito diferente de todos aqueles que os personagens usavam, então tínhamos que correr atrás do meu guarda roupa ou guarda roupa de outros familiares pra fazer o seu figurino, mas eu estava feliz em todos os momentos, porque estava a ajudando no que precisasse. Agradeço ao professor Anderson pelo incentivo que da a minha filha desde que ela entrou no ensino médio. Ele já faz parte da nossa família. Orgulho-me muito da minha filha e estarei sempre ao seu lado no que der e vier.
--	--	--

Alguns dos resultados

- As produções audiovisuais construídas a partir do teatro foram apresentadas no ano de 2020 (no formato virtual) no V Encontro Estudantil de Alagoas, evento organizado pela Secretaria Estadual da Educação que tem por objetivo promover espaços de apresentação e divulgação das produções artísticas e científicas dos alunos da rede estadual de ensino.
- Outro evento foi o VI Encontro de Iniciação Científica do Instituto Federal de Alagoas – Campus de Palmeira dos Índios/AL. Na oportunidade, as alunas Maria Eduarda Pimentel e Andressa Pereira da Rocha foram contempladas com uma bolsa de iniciação científica jovem via CNPQ (cada uma) para continuar as pesquisas e práticas no campo da Arte e Ciência, com vigência no primeiro semestre de 2021.
- A aluna Andressa Pereira apresentou a experiência das vivências de Teatro e Ciências na Escola na VII Semana Internacional Pedagogia promovida pela Universidade Federal de Alagoas sendo certificada pela participação no evento.
- As produções audiovisuais foram apresentadas eventos da Escola como o I MIX TEC E.E.G.R: Evento organizado por discentes e docentes dos cursos de Marketing, Recursos Humanos e Manutenção e Suporte em Informática da Escola Estadual Graciliano Ramos tendo como objetivo aproximar a Escola e a Sociedade dos processos pedagógicos da instituição.

CONSIDERAÇÕES

O projeto Esquetes Teatrais Mulheres na Ciência contribuiu de forma essencial não só em apresentar a relação entre arte e ciência, mas principalmente no ensino e aprendizagem dos estudantes do ensino médio. A proposta propôs um repertório cultural teatral e científico, de forma qualitativa. As esquetes “Mulheres na Ciência” mostraram que a escola promove diálogos também sobre gênero. Nesse contexto podemos concluir que o diálogo arte e ciência pode ser uma importante prática no contexto escolar. Esse diálogo interdisciplinar no ensino médio pode estabelecer conexões diferenciadas, ampliando possibilidades tanto para o ensino quanto a aprendizagem.

A relação com a comunidade escolar através do projeto se deu de duas formas: a primeira no campo da Arte (contexto prioritário do projeto), apresentamos possibilidades artísticas que dialogavam com o território no qual a Escola pertence. A segunda, se deu no contexto de compreender a contribuição do teatro escolar em um processo continuado e que os alunos pudessem contextualizar as principais diferenças com a cena teatral que envolveu a cidade de Palmeira dos Índios como cenário e contexto cultural. Cidade esta que tem histórico rico de vivências culturais desde a arte indígena, artesanato, arte popular em geral, aos nomes consagrados como Graciliano Ramos, Jacinto Silva e Jofre Soares que contribuíram de forma direta e indireta com a cultura da Princesa do Sertão Alagoano. Quanto ao protagonismo dos estudantes, o projeto estabeleceu junto aos alunos que todo processo seria compartilhado, coletivo, trazendo vivências e experimentações na escrita do texto, pesquisa, diálogo, ensaios, gravação e edição. E assim aconteceu.

A participação colaborativa dos estudantes nas etapas do projeto é uma forma de aproximar os estudantes da compreensão, como também consolidar que a prática/produção deve ser efetiva já na educação básica. É importante que a escola possa criar espaços de diálogos sobre o gênero em nossa sociedade. As mudanças ocorridas foram adaptar os encontros que seriam realizados de forma presencial para o remoto, mas as decisões foram tomadas de forma coletiva com alunos, professores e gestão. O presente projeto apresenta resultados do diálogo entre Arte e Ciência. Dessa forma, mesmo diante dos desafios do contexto pandêmico, o projeto contribuiu de forma essencial não só em apresentar a relação entre arte e ciência, mas principalmente no ensino e aprendizagem dos estudantes no ensino médio com relação aos aspectos teóricos e práticos do teatro.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018

BOAL. **Jogos para atores e não atores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

CACHAPUZ, Antônio F. **ARTE E CIÊNCIA NO ENSINO DAS CIÊNCIAS**. Universidade de Aveiro/CIDTFF, Portugal. NO. 31, PP. 95-106 (2014).

CAVASSIN, Juliana. Perspectivas para o teatro na educação como conhecimento e prática pedagógica. **Revista científica/FAP**, Curitiba, v.3, pp.39-52, jan./dez. 2008.

JAPIASSU, Ricardo. Jogos teatrais na escola pública. **Revista Faculdade de Educação**, v. 24, n. 2, São Paulo jul/dez 1998. SILVA, Monikeli Wippel da.

SILVA, Camila Silveira da. Ciência e Arte na formação inicial de professores: aspectos educativos e formativos de uma performance do poema Física de José Saramago. XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – **Anais do XI ENPEC** - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2017.